

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a) o texto completo desta Dissertação será disponibilizado somente a partir de 24/03/2025.

---

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Renata Calonego

**NEOLIBERALISMO, RELAÇÕES DE TRABALHO E EFEITOS DE PODER DO  
DISCURSO ORGANIZACIONAL**

Bauru – São Paulo  
2023

---

Renata Calonego

**NEOLIBERALISMO, RELAÇÕES DE TRABALHO E EFEITOS DE PODER DO  
DISCURSO ORGANIZACIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), sob a orientação da Profa. Dra. Roseane Andrelo para obtenção do título de Doutora em Comunicação

Bauru – São Paulo  
2023

---

C165n Calonego, Renata  
Neoliberalismo, relações de trabalho e efeitos de poder do discurso organizacional / Renata Calonego. -- Bauru, 2023  
162 p. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru  
Orientadora: Roseane Andrelo

1. Comunicação Organizacional. 2. Neoliberalismo. 3. Efeitos de Poder. 4. Discurso Organizacional. 5. Relações de Trabalho. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

---

### **Impacto potencial desta pesquisa**

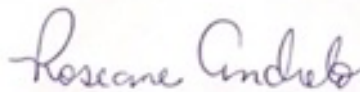
Ao identificar quais práticas estão sendo intensificadas pelo discurso das organizações na sociedade, esta pesquisa apresentou de forma inédita os efeitos da comunicação organizacional nas relações de trabalho e na identidade do sujeito, indicando formas de resistência. Com isso, alinhou-se às ODS da Agenda 2030 da ONU direcionando soluções no âmbito do trabalho decente, justiça e instituições eficazes.

### **Potential impact of this research**

By identifying which practices are being intensified by the discourse of organizations in society, this research presented, in an unprecedented way, the effects of organizational communication on labor relations and on the construction of workers' identity, indicating forms of resistance. With this, it aligned itself with the SDGs of the UN Agenda 2030, directing solutions in the field of decent work, justice and strong institutions.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE RENATA CALONEGO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 24 dias do mês de março do ano de 2023, às 08:30 horas, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de RENATA CALONEGO, intitulada **Neoliberalismo, relações de trabalho e efeitos de poder do discurso organizacional**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Assistente Doutora ROSEANE ANDRELO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professor Associado MAXIMILIANO MARTIN VICENTE (Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / UNESP/Câmpus de Bauru, Professora Doutora CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, Professora Doutora GISELA MARQUES PEREIRA GONÇALVES (Participação Virtual) do(a) (Universidade da Beira Interior, Professora Titular ROSELI APARECIDA FIGARO PAULINO (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação / Universidade de São Paulo. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Professora Assistente Doutora ROSEANE ANDRELO

---

## AGRADECIMENTOS

Antes de agradecer aqueles que estiveram presentes comigo nessa jornada, gostaria de expressar minha gratidão a todos que confiam na ciência e na pesquisa, em especial àqueles que acreditaram nesta investigação. Aproveito esse momento para reconhecer a importância da atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no investimento em pesquisas públicas, sem interferências diretas do setor privado, que além de apoiar esse estudo no Brasil, viabilizou a realização de um estágio de pesquisa no exterior, experiência que moldou significativamente o desenvolvimento da tese. Agradeço também à Unesp, que me formou enquanto profissional e pessoa, e me sinto muito honrada por isso.

Dito isso, deixo aqui o registro do meu singelo agradecimento para aquelas pessoas que marcaram e compartilharam comigo essa trajetória de 4 anos de doutorado: começo agradecendo à minha família, a qual o apoio foi fundamental para concretização desta etapa na minha vida. Minha mãe e meu pai, que nunca mediram esforços para que eu continuasse meus estudos e pudesse realizar esse projeto. Seus gestos diários de amor e carinho sempre reabasteciam minha energia. Minha irmã, minha rocha e porto seguro, que sempre soube o que me dizer, nunca permitindo que minhas inseguranças e medos me dominassem. Seu acolhimento é a minha principal fonte de força. Ao membro de 4 patas da família, ‘Piccolina’, companheira fiel que passou horas debaixo da minha escrivadinha enquanto eu pesquisava e escrevia, e que, mesmo quando me distraía com seus pedidos diários de passeio e brincadeira, me ajudava a tornar tudo mais leve. Ao meu cunhado, Vinícius, que muitas vezes passeou, brincou e cuidou da ‘Piccolina’, formando uma rede de apoio incrível; e por me mostrar visões diferentes sobre meu tema de pesquisa, o que ampliou meus horizontes e criticidade.

À minha orientadora, profa. Roseane Andrelo, que já me guia nessa trajetória acadêmica por mais de 10 anos. Sua forma de lidar com o trabalho e com a vida sempre foram grandes fontes de inspiração. Obrigada por confiar e acreditar no meu trabalho, e por sempre me ensinar com tanta gentileza e carinho. Me sinto muito honrada por tudo o que construímos e vivenciamos.

---

Aos meus amigos de coração e alma, Letícia, Júlia, Renato, Vitória e Mayara (um agradecimento especial à Lê pelos ‘kits de sobrevivência’ durante alguns períodos de hibernação por causa da tese). Vocês dão outra cor em minha vida e sou muito feliz por ter vocês no meu dia a dia me apoiando e incentivando. À Monalisa e ao Henrique, meus presentes da pós-graduação, que sempre me garantiram ótimas reflexões, mas também ótimas risadas. À Mari, a qual tive muita alegria em citar nesta pesquisa. A nossa parceria em artigos dá mais sentido à vida acadêmica. À Luana, Luiza, Mayara, Andressa, Henrique, Ana e Paulo, que compartilharam comigo a experiência maravilhosa que foi Portugal.

A todos os professores desta banca, por terem aceitado o convite e terem se disponibilizados a ler esse trabalho. Ao prof. Max, que finalmente tive o privilégio de interagir durante minha qualificação, se mostrando ainda mais incrível do que sempre ouvi em relatos de colegas. É uma satisfação estar encerrando esse ciclo com a sua presença. À profa. Carol, que me deu aula desde à graduação e viabilizou muitos ensinamentos e reflexões que pautaram minha caminhada acadêmica. À profa. Gisela, que não mediu esforços para tornar meu estágio de pesquisa em Portugal uma realidade, proporcionando debates que foram essenciais neste trabalho. Foi durante meu período em Covilhã que tive coragem de me debruçar em estudos filosóficos como o de Judith Butler. À profa. Roseli Figaro, que sempre esteve presente comigo por meio do seu livro, o qual até agora se encontra ao lado do meu computador. Sua pesquisa me deu confiança para acreditar neste estudo.

Ao Silvio, a salvação dos alunos do PPGCOM, que facilita nossas vidas sempre com muita gentileza e prontidão. A todos os entrevistados que disponibilizaram seu tempo para contribuir com essa pesquisa e com o desenvolvimento científico da comunicação. Obrigada por confiarem e acreditarem nesta investigação. Ao encerrar esse ciclo, percebo que pesquisar foi muito desafiador, mas, ao mesmo tempo, proporcionou um crescimento único na vida. Sem dúvida, a caminhada de construção dessa tese me ajudou a ser uma pessoa mais consciente e crítica, o que espero poder compartilhar por meio da publicação deste trabalho. Ter a oportunidade de realizar algo que dá esperança e faz sentido, é realmente um privilégio.

---

“Que não se imagine, no entanto, que eu considere ter competência para reparar os erros e abusos da sociedade, mas que deseje contribuir com minha humilde cota para um propósito tão bom; e que, se os ouvidos do público estão voltados para mim, prefira sussurrar neles algumas verdades saudáveis a bobagens sem sentido.”

**Anne Brontë**

---

## RESUMO

As inúmeras relações estabelecidas na sociedade, assim como seus modos e modelos de produção, reconfiguram-se constantemente de acordo com as mudanças sócio-políticas-econômicas. Da mesma maneira, as relações de trabalho vivenciadas se adaptam continuamente às demandas da sociedade em que estão inseridas, compatibilizando-se com o momento histórico vigente. Portanto, não se limitando à concepção de fluxo de informação, mas compreendendo o papel estruturante da comunicação nas organizações, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre os efeitos de poder que o discurso organizacional assume nas relações de trabalho e na identidade dos trabalhadores no contexto neoliberal. Para tanto, propõe-se uma abordagem teórico-empírica, com uma fundamentação teórica pautada na discussão acerca de temas como comunicação organizacional, discursos, efeitos de poder, e neoliberalismo e sua performance psíquica (FOUCAULT, 1980; FIGARO, 2008; OLIVEIRA, PAULA E MARCHIORI, 2012; PUTNAM E MUMBY, 2014; HARDY E THOMAS, 2014; SCHARFF, 2016; BUTLER, 2017; HAN, 2018; KANAI EGILL, 2020; SAFATLE ET AL., 2021). Frente a isso, define-se como coleta de dados a realização de entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado em um corpus formado por 14 trabalhadores de diferentes categorias, selecionados com o propósito de abranger ângulos distintos da realidade. Para analisar as respostas, utilizou-se a metodologia qualitativa pluralista proposta por Scharff (2011), que tem como cerne a psicologia discursiva (PD), que foi aplicada com o intuito de identificar padrões nas falas dos entrevistados sobre as maneiras pelas quais eles negociavam e vivenciavam o discurso organizacional e as relações de trabalho. Nesse processo investigativo, 10 efeitos de poder do discurso organizacional que impactam na constituição das subjetividades dos trabalhadores foram verificados através desses padrões. De forma semelhante, possíveis resistências também foram estudadas, tendo em vista que poder e resistência são processos mutuamente implicados. Sendo assim, defende-se a tese de que os discursos organizacionais possuem efeitos de poder nas relações de trabalho estabelecidas, de maneira a incidir na identidade dos trabalhadores e perpetuar o neoliberalismo. Por fim, destaca-se que esta pesquisa buscou contribuir para a expansão da análise crítica sobre a comunicação organizacional, de modo a somar reflexões para compreender com mais profundidade as interfaces sobre a formação da vida psíquica dos trabalhadores por meio dos discursos que enredam as organizações, dando atenção especial tanto à incorporação, quanto à adaptação do neoliberalismo a partir do trabalho.

**Palavras-chave:** comunicação organizacional, neoliberalismo, efeitos de poder, discurso organizacional, relações de trabalho

---

## ABSTRACT

The uncountable relationships established in society, as well as their models of production, are constantly reconfigured according to socio-political-economic changes. In the same way, the work relationships experienced continuously adapt to the social demands in which they are inserted, making them compatible with the current historical moment. Therefore, understanding the structuring role of communication in organizations and not limited to its conception of information flow, this research aims to reflect on the power effects that the organizational discourse assumes in labor relations and in the worker's identity in the neoliberal context. Thus, a theoretical-empirical approach is proposed, with a theoretical foundation based on the discussion of themes such as organizational communication, discourses, power effects, and neoliberalism and its psychic performance (FOUCAULT, 1980; FIGARO, 2008; OLIVEIRA, PAULA E MARCHIORI, 2012; PUTNAM E MUMBY, 2014; HARDY E THOMAS, 2014; SCHARFF, 2016; BUTLER, 2017; HAN, 2018; KANAI EGILL, 2020; SAFATLE ET AL., 2021). In view of this, data collection is defined by the conduction of in-depth interviews with a semi-structured script in a corpus formed by 14 workers from different categories, selected with the purpose of covering distinct angles of reality. To analyze the answers, the pluralistic qualitative methodology proposed by Scharff (2011) was used, which has the discursive psychology as its core, which was applied with the aim of identifying patterns in the interviewees' speeches about the ways in which they negotiated and experienced organizational discourse and work relationships. In this investigative process, 10 power effects of the organizational discourse that impact on the constitution of workers' subjectivities were verified through these patterns. Similarly possible resistances were also studied, considering that power and resistance are mutually implicated processes. Therefore, this thesis defends that organizational discourses have power effects in established work relationships, in a way that reflects on workers' identity and perpetuates neoliberalism. Finally, it is emphasized that this research sought to contribute to the expansion of critical analysis on organizational communication, to add reflections to understand in more depth the interfaces on the formation of workers' psychic life through the discourses that enmesh organizations, giving special attention to both the incorporation and adaptation of neoliberalism through work.

**Keywords:** organizational communication, neoliberalism, power effects, organizational discourse, labor relations.

---

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1 - Resumo das escolhas metodológicas</b>	<b>57</b>
<b>Quadro 2 - Exemplos dos discursos midiáticos utilizados no roteiro da entrevista</b>	<b>59</b>
<b>Quadro 3 - Compilação dos entrevistados</b>	<b>66</b>
<b>Quadro 4 - Características metodológicas da psicologia discursiva</b>	<b>76</b>
<b>Quadro 5 - Os 10 efeitos de poder identificados</b>	<b>109</b>
<b>Quadro 6 - Possíveis inibidores de resistência</b>	<b>111</b>

---

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. REFLEXÕES SOBRE O NEOLIBERALISMO ENQUANTO MODELO ECONÔMICO E SOCIAL .....</b>	<b>21</b>
2.1. Neoliberalismo: apontamentos iniciais sobre seu desenvolvimento .....	21
2.2. O trabalho no contexto neoliberal .....	27
2.3. A atuação psíquica do neoliberalismo .....	31
<b>3. COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL, DISCURSO E CIRCULAÇÃO DO PODER... 37</b>	
3.1. Apontamentos sobre comunicação organizacional e suas práticas discursivas.....	38
3.2. Apontamentos sobre a circulação do poder .....	41
3.3. Comunicação, trabalho e a neoliberalização das subjetividades .....	49
<b>4. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>56</b>
4.1. Coleta dos dados e corpus da pesquisa.....	57
4.2. Articulações teóricas para a delimitação do procedimento metodológico analítico .....	69
4.3. Método de análise .....	73
4.3.1. A aplicação da psicologia discursiva (PD).....	75
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>81</b>
5.1. Padrões do bloco 1 – negociando direitos trabalhistas e sociais, precarização do trabalho, articulação da classe trabalhadora, e desigualdades .....	83
5.2. Padrões do bloco 2 – negociando a subjetividade empreendedora e o poder inteligente .	91
5.3. Padrões do bloco 3 – negociando discursos organizacionais, poder e identidade .....	98
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE ‘A’ – Roteiro das entrevistas .....</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE ‘B’ – Termos de consentimento .....</b>	<b>162</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto neoliberal inclui variáveis que formam um sistema complexo que é vivenciado atualmente pela sociedade. Para além da sua atuação no campo econômico, esta pesquisa<sup>1</sup> parte do recorte teórico que discute o neoliberalismo enquanto um modelo profundamente envolvido com as esferas social, política e cultural, assim como no plano da subjetividade. Essa perspectiva é embasada em diversos autores, como Priscila Campana (2000), Ricardo Antunes (2009; 2018), Christina Scharff (2016), Byung-Chul Han (2018b), José Araújo (2020), e Vladimir Safatle et al. (2021), e norteia todo esse estudo. A principal argumentação para essa compreensão passa pela concepção de que a eficácia econômica neoliberal é permeada por discursos que evocam categorias morais e psicológicas por meio da articulação entre trabalho, linguagem e desejo. É nesse sentido que Akane Kanai e Rosalind Gill (2020) afirmam que a hegemonia neoliberal está diretamente vinculada ao uso de estratégias que envolvem atributos pessoais e atrativos.

Visto que a atividade laboral é resultado da construção da sociedade e da cultura em um determinado tempo e momento histórico (LHUILIER, 2016; ARAÚJO, 2020), tem-se que as relações de trabalho passam por mudanças significativas frente à lógica neoliberal. Parte dessas transformações se dão com a disseminação da noção de que os direitos sociais e trabalhistas são empecilhos para o desenvolvimento econômico e o livre mercado, culminando em uma intensa flexibilização desses direitos em prol da acumulação do capital.

Nesse viés, é importante destacar que o Estado, tendo em vista a livre circulação de capitais, assume papel significativo ao viabilizar a desregulamentação de direitos trabalhistas e a desarticulação da sociedade, sendo um exemplo disso o atrofamento do sindicalismo (CAMPANA, 2000). Outras implicações aparecem na precarização do trabalho por meio de crises salariais, do aumento das terceirizações e do surgimento de modalidades de emprego, como *freelancers*<sup>2</sup> e a jornada intermitente. A *uberização*<sup>3</sup> também é resultado do trabalho precário, de modo a colocar o indivíduo em uma situação de vulnerabilidade sem qualquer tipo de proteção

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – pelo Programa de Demanda Social. Código de Financiamento 88887.601231/2021- 00; com período de estágio no exterior realizado entre setembro/2021 e fevereiro/2022 com financiamento do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Capes - Edital no. 19/2020 - Seleção 2020. Processo no: 88881.622802/2021- 01.

<sup>2</sup> Termo em inglês utilizado para definir trabalhadores autônomos que atuam em diferentes organizações sem vínculo empregatício. Ou seja, são trabalhadores que não atuam sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

<sup>3</sup> Processo associado à venda de um serviço de forma autônoma e sem um empregador, por meio de aplicativos digitais.

---

legal (ANTUNES, 2018; ARAÚJO, 2020). Os dados obtidos em pesquisa<sup>4</sup> realizada em 2022 pelo Laboratório de Estudos do Movimento do Hospital das Clínicas (HC) evidenciam esse cenário ao indicar que 70% das internações no Instituto de Ortopedia e Traumatologia do HC são de motociclistas. Além disso, a pesquisa aponta que a porcentagem de acidentes de moto neste setor de atendimento subiu de 20% para 80% nos últimos 6 anos.

Considerando os interesses desta investigação, o que se destaca é que, mesmo diante de um contexto de insegurança, instabilidade no emprego e maiores exigências e responsabilidades dadas aos trabalhadores, as políticas neoliberais continuam em circulação sem grandes (e/ou apesar de algumas) oposições. Um dos pontos principais desse cenário passa pela reconfiguração das percepções sobre responsabilidade e obrigação, tanto na vida pessoal, como profissional. Isso porque ao propor um estilo de vida que busca se aproximar dos padrões de funcionamento empresarial, o modelo neoliberal se infiltra no cotidiano da sociedade e altera o próprio sujeito ao orientar desejos, ideais, visões de mundo, a partir de um processo intenso de individualização. A construção do sujeito neoliberal, no entanto, não ocorre de maneira isolada, mas através de uma combinação de fatores que direcionam a reconstrução de suas identidades. Observações como essas instigaram o desenvolvimento desta tese, que tem como ponto central de análise a atuação da comunicação organizacional, por meio de suas práticas discursivas, no trabalhador.

Frente a isso, esclarece-se que o entendimento atribuído ao exercício profissional se pautou na psicossociologia do trabalho, uma abordagem que possibilita olhar para a atividade laboral através de instâncias mais amplas que envolvem seu funcionamento, como organizações e comunidades, conforme apresentado por Araújo (2020). Esse enfoque vai ao encontro da compreensão de Denise Britto (2014) sobre o mundo do trabalho, defendendo que este universo engloba, além do exercício da atividade em si, os discursos presentes nesse processo.

É nesse sentido que o debate sobre os discursos se faz pertinente. Para isso, recorre-se ao viés foucaultiano sobre o tema, que entende que o poder está inscrito no discurso, de forma a ser um efeito de poder por si só. Assim, efeitos de poder são interpretados como as práticas que mantêm determinados discursos em circulação, na mesma medida que exclui outros (HARDY E THOMAS, 2014). Ao adotar essa linha de investigação, concentra-se em avaliar sobre a circulação

---

<sup>4</sup> O acesso a tais informações foi realizado via reportagem divulgada no *The Intercept Brasil* através do link: <https://theintercept.com/2022/12/12/entregadores-de-apps-sao-70-dos-internados-no-instituto-de-ortopedia-e-traumatologia-do-hospital-das-clinicas-diz-medica/>

---

do poder pelo discurso, sendo que é através dessa circulação que o poder atua incentivando, ou restringindo, determinadas formas de ser, pensar, fazer e falar.

De maneira complementar, evocou-se aos conceitos definidos por Judith Butler (2017) sobre ‘vida psíquica do poder’ e ‘teorias da sujeição’, a fim de expandir o debate sobre a atuação do poder na constituição da identidade do sujeito. Resumidamente, a filósofa defende que a construção das identidades se dá no e através do poder, o que amplia os horizontes da argumentação sobre o âmbito psíquico da governabilidade neoliberal, uma vez que refletir sobre os efeitos de poder do discurso organizacional nas relações de trabalho e no trabalhador permite percorrer a formação das identidades constituídas no e através do discurso (BUTLER, 2017; SCHARFF, 2016). Ressalva-se, porém, que os efeitos de poder não produzem influências imediatas e deterministas, mas ocorrem ao longo do tempo a partir do engajamento dos sujeitos em práticas locais que difundem e normalizam tais práticas em outras instâncias (HARDY, THOMAS, 2014). Nesse sentido, a abordagem de ‘poder inteligente’ apresentada por Han (2018b) foi acionada, a fim de amparar a discussão sobre a exploração da liberdade do trabalhador por meio de um discurso de sedução, de modo a tornar o sujeito dependente do sistema.

Portanto, entende-se que a construção da identidade está vinculada às práticas discursivas em um recorte de tempo e espaço, de maneira a orientar a noção social sobre o que fazer e como fazer. Nessa direção, apoia-se nas colocações de Roseli Figaro (2008, p. 12) para afirmar que o processo comunicacional é anterior à própria constituição do trabalho em si. Ou seja, a comunicação, enquanto "processo mediado pelas práticas culturais que se constroem no cotidiano", é uma categoria que viabiliza uma investigação privilegiada acerca do trabalho e das relações estabelecidas em seu entorno.

Trazendo esse debate para as organizações<sup>5</sup> e compreendendo que a comunicação organizacional é um "processo de construção e disputa de sentido no âmbito das relações organizacionais" (BALDISSERA, 2008, p. 169), admite-se que as organizações são um fenômeno social coletivo que passa por transformações contínuas (BJORKENG, CLEGG E PITSIS, 2009; SANTOS E SILVEIRA, 2015). Para Robert Srour (2012, p.113), analisar as organizações sob o viés das relações que elas estabelecem, tal como as relações de trabalho, é essencial para “uma

---

<sup>5</sup> Entendendo a variedade de tipos que o termo 'organização' envolve, utiliza-se essa palavra em seu sentido geral, pautando-se na definição da palavra de acordo com o Dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/organiza%C3%A7%C3%A3o>): "fundação, estabelecimento; conjunto de pessoas que constituem um grupo de trabalho". Ou seja, engloba: organizações sem fins lucrativos, organizações governamentais, organizações privadas etc. No entanto, admite-se que algumas discussões são mais direcionadas para as organizações empresariais, que, quando é o caso, são sinalizadas como tal.

---

reflexão competente acerca das bases dos conflitos intra e interorganizacionais, na medida em que captam a diversidade dos interesses em jogo e contribuem para a percepção da extrema complexidade da realidade social”.

Tendo em vista o contexto neoliberal, concebe-se que a comunicação organizacional, por meio dos seus discursos, possui uma atuação significativa na construção e atualização das identidades, especialmente no que diz respeito a noções sobre trabalho, trabalhador e as relações que os permeiam. É nesse sentido que se reconhece que discursos organizacionais são estratégias que direcionam as construções de significados locais com o intuito de produzir práticas favoráveis aos interesses da organização (ANDERSSON, 2020). Nesse quesito, Cynthia Hardy e Robyn Thomas (2014) apontam a falta de estudos que examinem os efeitos nas organizações a partir dos significados negociados localmente; ausência essa que esta pesquisa busca preencher em certa medida.

Assim, parte-se da premissa de que pensar sobre a comunicação organizacional consiste em refletir sobre o discurso (SÓLIO, 2008). Com isso, assume-se que comunicação é poder, especialmente quando examinada enquanto um elemento estratégico de institucionalização psíquica do poder por meio de práticas discursivas das organizações. Nessa perspectiva, percebe-se que os processos comunicacionais organizacionais estão sendo modificados profundamente com o intuito de viabilizar e reforçar a exploração da psique.

Essa discussão se torna ainda mais complexa e necessária quando se considera que a jornada de um trabalhador ocupa, no mínimo, quase um terço do seu dia (SÓLIO, 2008) e que os processos comunicacionais existentes no ambiente de trabalho reverberam para além do ambiente corporativo, afetando todas as outras relações estabelecidas pelo empregado, assim como na sua saúde. Araújo (2020, p. 81) aponta como consequências o crescimento expressivo de pessoas que trabalham “sob pressão e assédio, vítimas de doenças profissionais e acidentes de trabalho, além das novas patologias laborais, como depressão, *burnout*, uso de drogas, toda sorte de desgaste e sofrimentos físicos e psíquicos”.

Nessa direção, Kanai e Gill (2020) indicam que a crise global causada pela pandemia do COVID-19 amplificou os elementos que sustentam as políticas neoliberais, tanto na forma de gerenciar as atividades econômicas, quanto ao se notar um aumento do número de horas trabalhadas pelas pessoas, em especial aquelas que migraram para o modelo do trabalho remoto. Isto é, mesmo diante de uma crise econômica e social em âmbito global, observa-se ainda mais a

neoliberalização da subjetividade, com premissas neoliberais orientando não somente o que fazer, mas também o que sentir. De acordo com as autoras, essa atuação neoliberal na esfera da vida afetiva, que também reverbera no trabalho, expõe certos padrões assinalados pelo estímulo à confiança, resiliência e criatividade, ainda que opere em um nível micro da subjetividade.

Através das perspectivas teóricas mencionadas, esta pesquisa constrói sua hipótese a partir da articulação de reflexões sobre neoliberalismo, comunicação organizacional e suas práticas discursivas, tendo em vista seus possíveis efeitos de poder nas relações de trabalho e na construção da identidade dos trabalhadores. Desse modo, busca-se responder a seguinte pergunta norteadora: "Quais os efeitos de poder que o discurso organizacional assume nas relações de trabalho e na identidade dos trabalhadores no contexto neoliberal?". Isto é, tendo como base o neoliberalismo, quais os possíveis impactos nos sujeitos do ponto de vista do discurso organizacional? Além disso, essa pergunta se divide em outros dois questionamentos, que são "Quais são as possíveis resistências ao discurso organizacional frente ao neoliberalismo?", e "Quais os possíveis novos olhares para as interfaces entre neoliberalismo, relações de trabalho e discurso organizacional tendo em vista os efeitos de poder?". Essas perguntas se traduzem nos seguintes objetivos: a) geral - refletir sobre os efeitos de poder que o discurso organizacional assume nas relações de trabalho e na identidade dos trabalhadores no contexto neoliberal; e específicos - b) verificar resistências ao discurso organizacional frente ao neoliberalismo e c) lançar novos olhares para as interfaces entre neoliberalismo, relações de trabalho e discurso organizacional, considerando os efeitos de poder.

Enfatiza-se que esta pesquisa prioriza questões que permeiam a tendência neoliberal de se sobrepor a princípios econômicos em outros campos e relações sociais, assim como a construção de um sujeito empreendedor (GANE, 2014). Logo, ainda que extremamente significativas, não serão aprofundadas aqui as problemáticas que envolvem o âmbito econômico e social do projeto neoliberal, tal como a distribuição desigual dos recursos para tornar um sujeito empreendedor, mas sim as consequências da incitação neoliberal em se conduzir a vida como um empreendimento, especificamente no que se refere à alteração profunda que isso gera na visão de mundo sobre ambição e responsabilidades. Ou seja, estuda-se o neoliberalismo a partir da sua performance psíquica (SAFATLE ET.AL, 2021; KANAI, GILL, 2020; SCHARFF, 2016), compreendendo que os discursos das organizações geram efeitos concretos em diversos âmbitos (ANDERSSON, 2020) e, portanto, configuram-se como mecanismos de poder.

---

Com o intuito de analisar e verificar as práticas que estão sendo intensificadas pelo discurso organizacional, de forma a trazer respostas sobre ‘como’ e ‘se’ os efeitos de poder se constituem, esta pesquisa se pautou na análise do poder enquanto significações negociadas em torno das organizações de forma a produzir efeitos sobre elas mesmas e na sociedade como um todo (JARZABKOWSKI E SPEE, 2009; VAARA, 2010; HARDY, THOMAS, 2014). Destaca-se também que o propósito de verificar possíveis resistências se baseia no prisma foucaultiano de que poder e resistência são processos implicados um no outro, de modo que enquanto alguns discursos são intensificados (poder), outros são enfraquecidos e podem gerar efeitos distintos (resistência).

Como procedimento metodológico, optou-se por investigar o objetivo proposto através de uma abordagem teórica e empírica com análise qualitativa. Para obter dados sobre as relações de trabalho e discutir os efeitos de poder do discurso organizacional, escolheu-se a técnica de entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado, que foi aplicada com 14 trabalhadores de diferentes categorias, selecionados de forma a representarem distintos ângulos da realidade, ampliando o olhar sobre as relações de trabalho. Reforça-se que esta pesquisa não direcionou seus estudos para um tipo de organização, ou uma organização em específico, ao invés disso, optou-se por trazer uma série de perspectivas de relações de trabalho dentro do contexto neoliberal. Essa escolha se deve ao fato de o enfoque desta pesquisa ser as relações de trabalho, a partir de um olhar que aborda não somente a pessoa em si, mas a pessoa em uma situação relacional, situação essa que consiste no trabalho.

Para analisar as respostas, adotou-se a metodologia qualitativa pluralista proposta por Scharff (2011), que tem como cerne a psicologia discursiva (PD), abordagem que investiga as práticas discursivas sob a óptica das ações sociais e do domínio psíquico, entendidos como produtores da realidade local. O propósito da aplicação da psicologia discursiva foi identificar padrões nas falas dos entrevistados sobre as maneiras pelas quais eles negociam e vivenciam o discurso organizacional e as relações de trabalho.

Iniciando com esta introdução, esta pesquisa apresenta seu processo investigativo e suas contribuições a partir de seis capítulos principais. O segundo capítulo, *Reflexões sobre o neoliberalismo enquanto modelo econômico e social*, subdividiu-se em três seções que discutem sobre (a) o desenvolvimento e as características do neoliberalismo, (b) a sua atuação psíquica, e (c) o trabalho nesse contexto. Com isso, essa parte do estudo discute temas como desigualdade,

---

direitos trabalhistas e sociais, articulação da classe trabalhadora, atuação psicológica e psíquica das ideologias neoliberais, liberdade e subjetividade empreendedora.

O capítulo seguinte, *Comunicação organizacional, discurso e circulação do poder* traz a relação indissociável entre trabalho, organização e comunicação, que pode ser resumida pelo entendimento de que o ser e o fazer das organizações se expressam por meio de processos comunicacionais (linguagem, discurso, interação). Delineia-se as discussões sobre circulação de poder e discursos, examinando conceitos como ‘efeitos de poder’ (FOUCAULT, 1980), ‘poder inteligente’ (HAN, 2018b) e ‘vida psíquica’ (BUTLER, 2017). Além disso, este item inclui uma seção que reflete sobre o sujeito neoliberal no contexto das organizações e das relações de trabalho.

A partir desta fundamentação, o quarto capítulo, *Metodologia de Pesquisa*, apresenta-se em três partes, sendo elas: (a) a coleta dos dados e o corpus da pesquisa; (b) as articulações teóricas para a delimitação do procedimento metodológico analítico; e (c) o método de análise, que se desdobra no item sobre a aplicação da psicologia discursiva. Trata-se de um capítulo que explica e justifica as escolhas feitas metodologicamente tendo em vista a discussão da problemática deste estudo. O capítulo cinco, *Análise e discussão dos dados*, expõe os resultados da pesquisa a partir da identificação de padrões nas falas dos entrevistados, que foram encontrados de acordo com o embasamento da psicologia discursiva.

Por fim, apresenta-se as considerações finais com as respostas para os objetivos propostos por esta investigação. Com o intuito metodológico de debater o problema de pesquisa através da fundamentação teórica mencionada e de diferentes ângulos da realidade, foi possível trazer resultados empíricos inéditos sobre as interfaces dos assuntos abordados. Diante disso, **defende-se a tese de que os discursos organizacionais produzem efeitos de poder nas relações de trabalho e na identidade dos trabalhadores de forma a manter o sistema neoliberal em circulação.**

Encontrou-se, a partir de padrões verificados nas falas dos entrevistados, 10 efeitos de poder do discurso organizacional. São eles: (1) Conformismo e isenção de críticas sociais sobre a realidade do trabalho; (2) Inconsistências e relativização dos direitos; (3) Apoio às resistências, mas sem ação concreta; (4) Ausência de articulação entre temáticas sociais; (5) Alienação sobre a posição que ocupa na sociedade; (6) Trabalho mais associado ao propósito, do que ao dinheiro; (7) Situações psicologicamente estressantes, como insegurança, autocobrança e ansiedade, são naturalizados no trabalho; (8) Aceitação de discursos organizacionais motivacionais para estimular

---

a produtividade; (9) Enaltecimento da atuação do setor privado junto do Estado; e o entendimento de que (10) Vida pessoal e vida profissional são inseparáveis. Além disso, identificou-se também quais práticas não estavam sendo intensificadas pelos discursos, o que possibilitou as discussões em torno das resistências.

Portanto, esta investigação teve como propósito fazer uma análise crítica sobre a comunicação organizacional, de modo a adicionar perguntas para compreender com mais profundidade a formação da vida psíquica dos sujeitos por meio dos discursos que enredam as organizações, dando atenção especial tanto à incorporação, quanto à adaptação do neoliberalismo a partir do trabalho. Sua contribuição parte de uma argumentação e análise empírica para o campo da comunicação ao encontrar dez efeitos de poder do discurso organizacional. Com as reflexões propostas neste estudo, amplia-se o debate sobre as maneiras pelas quais os trabalhadores negociam e vivenciam suas relações laborais, de forma a impactar na constituição de suas próprias identidades.

Dessa forma, coloca-se luz para a compreensão das práticas discursivas que incidem sobre as relações de trabalho, assim como a maneira pela qual os sujeitos, situados no espaço situacional do trabalho, reproduzem (ou não) o discurso que permeia as organizações. Isso porque, a fundamentação teórica levantada juntamente à análise feita com base na pesquisa empírica, proporcionam como contribuição principal dessa tese a identificação de como os efeitos de poder do discurso organizacional estão circulando na sociedade e como eles estão refletindo na identidade do trabalhador. Por essa razão, sugere-se que os próximos estudos que abordem o neoliberalismo, relações de trabalho e/ou discurso organizacional, considerem a perspectiva da identidade do trabalhador, e o debate sobre como o poder é negociado e vivenciado.

Por fim, inspirando-se nas colocações de Butler (2017, p.5) de que “buscamos compreender como o poder produz seu sujeito, e como o sujeito recebe o poder pelo qual é inaugurado”, espera-se que a análise crítica da sujeição, no sentido de descrever “a forma como o poder regulador mantém os sujeitos em subordinação ao produzir e explorar a exigência da continuidade e visibilidade [...]”, nos “mostre como a ação pode constituir no enfrentamento e transformação dos termos sociais que o geraram”, ou que no mínimo, impulse uma provocação e um alerta “contra o momento supremo da política que se assume e declara uma posição do sujeito” (p. 23), (*tradução nossa*). Mais do que nunca, faz-se necessário se pensar sobre o trabalho e a comunicação organizacional para além de um processo estritamente mecânico de produção de bens; faz-se

urgente discuti-los nas suas dimensões relacionais, sendo “preciso reinventar o trabalho humano e social, concebendo-o como atividade vital, livre, autodeterminada, fundada no tempo disponível, contrariamente ao trabalho assalariado alienado” (ANTUNES, 2020, p. 32). É pautada nesses posicionamentos e reflexões que se baseia esta pesquisa, tendo nas páginas seguintes a articulação da problemática proposta.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações realizadas nesta pesquisa tiveram como objetivo refletir sobre os efeitos de poder do discurso organizacional no contexto neoliberal a partir do levantamento bibliográfico e da percepção de trabalhadores de diferentes categorias. Ao longo deste estudo, diversas evidências teóricas e empíricas corroboraram para essa reflexão ao permitir identificar, por meio das análises sobre as práticas sociais em circulação, mudanças significativas no trabalho, no trabalhador e nas relações estabelecidas em torno dele, especialmente após a pandemia do Covid-19. Reconhecendo que essas modificações são permeadas pelos discursos disseminados na sociedade, considerou-se que os discursos organizacionais tivessem uma atuação específica e significativa neste cenário.

Com esse ponto de partida, definiu-se como recorte contextual o modelo econômico neoliberal, que é vivenciado atualmente por uma parcela significativa da população mundial e que apresenta pressupostos norteadores para inúmeras relações sociais estabelecidas, principalmente as da esfera do trabalho. Ao se aprofundar sobre o neoliberalismo, adotou-se uma linha de estudos que o entende para além da sua aplicação no nível econômico, mas também nos níveis psicológicos e psíquicos dos sujeitos (FOUCAULT, 1979, 1980; CAMPANA, 2002; BRITTO, 2014; ARAÚJO, 2020; KANAI E GILL, 2021; SAFATLE ET AL., 2021), levando em consideração as investigações de Scharff (2011; 2016) sobre os contornos da subjetividade empreendedora.

Para a constituição do problema de pesquisa, partiu-se do viés foucaultiano de que o discurso pode ser tanto um instrumento, quanto um efeito de poder por si só, o que possibilitou analisar as formas de pensar, falar e agir que estão em circulação através de práticas sociais. Quanto mais intensa for a circulação dos discursos, maior seu poder de produzir identidades, tendo consequências performativas sobre os sujeitos de modo a impactar a construção de suas identidades (FOUCAULT, 1979; HALL, 2001; KORNBERGER E CLEGG, 2011; THOMAS ET AL., 2011; BUTLER, 2017). Adotando esse prisma, as resistências também puderam ser estudadas como uma resposta transversal aos discursos organizacionais em circulação, tendo em vista que poder e resistência são processos mutuamente implicados.

Nesse sentido, os estudos de Judith Butler (2017) sobre a ‘vida psíquica do poder’ e as ‘teorias da sujeição’ foram fundamentais para aprofundar essa discussão e balizar as posteriores escolhas metodológicas. Suas pesquisas permitiram uma ampliação sobre a discussão da dimensão

---

psíquica da governamentalidade neoliberal nas relações de trabalho e no trabalhador. Ou seja, o conceito de vida psíquica respaldou toda investigação realizada, que se pauta na constituição das identidades no e através do discurso. De modo complementar, utilizou-se a abordagem de ‘poder inteligente’ proposto por Byung-Chul Han (2018b), que o conceitua como um poder sedutor, que explora a liberdade do trabalhador e o torna dependente do sistema.

A investigação das relações de trabalho e do poder pela óptica da comunicação permitiu traçar análises significativas para o debate, visto que, conforme indicado por Figaro (2008), o processo comunicacional é anterior à própria constituição do trabalho. Isto é, o entendimento que se tem sobre trabalho é atrelado às práticas discursivas em circulação em determinado tempo e espaço. No cenário neoliberal, percebe-se que as identidades e o *status* dos sujeitos estão diretamente vinculados à ideia do que ‘se faz’, ideia essa intensamente permeada pela mídia e produzida a partir de percepções simbólicas sobre trabalho e organizações (FIGARO, 2008).

Do ponto de vista organizacional, verificou-se que seus discursos se tornam estratégicos quando direcionam as construções de significados locais, de maneira a gerar práticas dominantes e entendimentos favoráveis a si próprias (HARDY E THOMAS, 2014; ANDERSSON, 2020). É nesse sentido que se argumenta que o ser e o fazer das organizações são manifestações comunicacionais, de forma a posicioná-las estrategicamente diante de contextos políticos, sociais e econômicos (COOREN ET AL., 2011; PUTNAM E MUMBY, 2014).

Assim, admite-se que discursos organizacionais e sociedade se constroem em conjunto em um mecanismo de causa e efeito, onde práticas comunicacionais corporativas espelham as práticas sociais e vice-versa (SÓLIO, 2008; LIMA E OLIVEIRA, 2014). Por isso, esta pesquisa não se pautou na análise do poder enquanto uma mercadoria exercida pelo alto escalão de uma empresa, mas sim em como as significações negociadas localmente por meio das organizações geram efeitos sobre elas mesmas e na sociedade como um todo (JARZABKOWSKI E SPEE, 2009; VAARA, 2010; HARDY E THOMAS, 2014). Essa também é a razão da escolha do corpus de análise definido na metodologia, onde se optou investigar o olhar dos trabalhadores inseridos no contexto neoliberal, ao invés de se pautar sob a óptica das organizações.

Portanto, juntamente às perspectivas teóricas, compreende-se que a comunicação das organizações, através dos seus discursos, pertence ao processo de instauração e manutenção do neoliberalismo, podendo atuar expressivamente na vida psíquica dos trabalhadores e em suas relações. Em busca de reflexões empíricas, procurou-se por evidências sobre as maneiras que

trabalhadores em diferentes tipos de emprego se relacionam com os discursos organizacionais em meio ao neoliberalismo, identificando que, além de mudanças na linguagem, as práticas discursivas das organizações norteiam comportamentos que induzem a um determinado estilo de vida.

A noção de ser empresário de si mesmo é refletida em diversas culturas organizacionais. A Ambev e o Grupo Pão de Açúcar, por exemplo, expressam em seus valores o incentivo à 'atitude de dono' de seus funcionários; do mesmo modo, a Natura, em uma campanha para recrutamento de *trainees*, utilizava o termo 'intraempreendedorismo' como uma forma de liderança desejável pela empresa. Acredita-se que esses discursos reverberam na maneira que o trabalhador vê a si mesmo, podendo alterar as percepções dos empregados sobre suas responsabilidades e o seu real papel dentro da empresa. O trabalhador continua recebendo o mesmo salário, mas se exige dele, por intermédio de um discurso sedutor, que ele se entregue ao negócio como um dono ou como um empreendedor fariam.

Outro indicativo da presença de pressupostos neoliberais nas práticas discursivas organizacionais está relacionado a ideias sobre flexibilidade no trabalho, que são valorizadas em campanhas institucionais, apresentando apenas uma faceta dessa 'nova' possibilidade de se trabalhar. Da mesma forma que o discurso neoliberal apresenta a flexibilização dos direitos como uma modernização do sistema que viabiliza o surgimento de modalidades de empregos, discursos organizacionais também se apropriam dessa ideia como um benefício ao trabalhador, exemplos disso podem ser vistos em diversas publicidades da Uber para atrair motoristas. O que se esconde nesses discursos, no entanto, é como essa flexibilidade pode se reverter em trabalhos precários, eliminando qualquer responsabilidade da empresa para com o funcionário e fazendo-o se entregar cada vez mais com o pressuposto de que não há limite para lucrar, basta se dedicar mais. É uma flexibilização que ignora todo o contexto de insegurança e autocobrança do trabalhador, que acaba por naturalizar essas situações psicologicamente estressantes. Cabe destacar que, entende-se os benefícios que um trabalho flexível pode ter na vida do trabalhador, no entanto, ele não pode vir desacompanhado de seus direitos, de um salário justo, de uma entrega equilibrada.

Ainda que não se possa generalizar, a mídia é mais um meio significativo que reforça o estilo de vida neoliberal através de inúmeros produtos, e conduz o imaginário social na construção de percepções sobre a relevância das organizações na sociedade. Pode-se notar isso com a imprensa, que tem uma tendência em enaltecer comportamentos empresariais em problemáticas

---

de âmbito público, como pôde ser discutido na pesquisa feita por Andrelo et al. (2022) sobre a cobertura jornalística acerca das atitudes empresariais frente à guerra na Ucrânia.

A mídia também traz narrativas neoliberais ao engrandecer a superação dos sujeitos desempregados que conseguiram se 'reinventar', sem colocar luz sobre os motivos que levaram aquela pessoa a precisar se reinventar e os fatores que permitiram ela fazer isso (as reportagens da pergunta 4 do roteiro de entrevista ilustram isso). É como se a problemática do desemprego (uma pauta coletiva) fosse uma questão de nível individual, que requer apenas determinação e autoconfiança para vencer. Isto é, ao adotarem a narrativa da superação como algo glorioso, os produtos midiáticos, desde séries, filmes a reportagens, acabam escondendo os verdadeiros problemas sociais por trás disso. Soma-se a isso as consequências psicológicas nos indivíduos que não conseguiram 'superar', recaindo sobre eles a culpa, a frustração.

Nesse sentido, empresas também se apropriam desse discurso em suas campanhas e publicidades. Durante o auge da pandemia do Covid-19, o banco Santander, por exemplo, lançou uma propaganda onde mostrava uma senhora que havia perdido o emprego e que tinha se reinventado costurando máscaras de proteção. Se em uma perspectiva isso é vangloriado, na outra pode significar a realidade de um mercado de trabalho com condições precárias. Além disso, não faltam casos de lemas de campanhas embasados no empoderamento e amor próprio, como "Minha Beleza, Minha Escolha", da marca Dove; ou o posicionamento do Grupo L'Oréal sobre "Criar a beleza que move o mundo".

Não se trata de se opor às conquistas individuais, ou à visibilidade dada para discursos de afirmações pessoais, muito pelo contrário, esses são processos importantes. No entanto, o que precisa ser examinado nesse cenário é sobre quais condições e de que forma determinadas pautas são abordadas. Porque sem esse averiguação, o que pode ocorrer é o fortalecimento de marcas e empresas como autoridades em movimentos para o progresso, como se o neoliberalismo fosse essencialmente neutro, o que já é amplamente considerado pelo senso comum.

Tendo em vista essas evidências, dentre as possibilidades metodológicas, escolheu-se observar a hipótese levantada pelo prisma teórico-empírico com uma abordagem qualitativa, com o intuito de obter dados sobre as relações de trabalho no contexto neoliberal para discutir os efeitos de poder do discurso organizacional. Diante do material coletado do corpus selecionado, via realização de entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado, respondeu-se às questões norteadoras desta pesquisa sob um viés metodológico pluralista apresentado por Scharff (2011),

que tem como componente central a psicologia discursiva (PD). Essa abordagem foi essencial para investigar ações sociais e o domínio do psíquico através de práticas discursivas, as quais produzem a realidade local.

A partir da PD foi possível identificar padrões nas falas dos participantes sobre as maneiras pelas quais eles negociam e vivenciam o discurso organizacional e as relações de trabalho que estabelecem, de modo a responder à principal pergunta desta pesquisa: ‘Quais os efeitos de poder que o discurso organizacional assume nas relações de trabalho e na identidade do trabalhador no contexto neoliberal? Ou seja, tendo como base o neoliberalismo, quais os possíveis impactos nos sujeitos do ponto de vista do discurso organizacional?’. Pergunta que se desdobra em outras duas, que são: ‘Quais são as possíveis resistências ao discurso organizacional frente ao neoliberalismo?’, e ‘Quais são os possíveis novos olhares para as interfaces entre neoliberalismo, relações de trabalho e discurso organizacional, considerando os efeitos de poder?’.

As contribuições da pesquisa nessa trajetória investigativa iniciam-se pelo estudo de práticas locais (trabalho e relações de trabalho) que foram normalizadas e difundidas ao longo do tempo de modo a estabelecer seu efeito de poder na identidade do trabalhador. Assim, a partir da interpretação das falas dos participantes, que contou com o embasamento de conceitos-chave que estruturam a fundamentação teórica e o roteiro da entrevista, responde-se à pergunta geral desta tese ao identificar 10 efeitos de poder do discurso organizacional. São eles: (1) Conformismo e isenção de críticas sociais sobre a realidade do trabalho; (2) Inconsistências e relativização dos direitos; (3) Apoio às resistências, mas sem ação concreta; (4) Ausência de articulação entre temáticas sociais; (5) Alienação sobre a posição que ocupa na sociedade; (6) Trabalho mais associado ao propósito, do que ao dinheiro; (7) Situações psicologicamente estressantes, como insegurança, autocobrança e ansiedade são naturalizados no trabalho; (8) Aceitação de discursos organizacionais motivacionais para estimular a produtividade; (9) Enaltecimento da atuação do setor privado junto do Estado; e o entendimento de que (10) Vida pessoal e vida profissional são inseparáveis.

Ainda que divididos por blocos para criar uma estruturação lógica de discussão, os efeitos de poder mencionados acima são intrínsecos uns aos outros e podem até ser interpretados em uma sequência, onde um vai desencadeando o próximo até culminar no último, que conforma a expressão máxima do poder ao construir identidades. Além disso, salienta-se que a análise dos

---

dados coletados também viabilizou responder os objetivos específicos desta tese, de modo a discutir sobre as resistências e indicar novos olhares aos conceitos debatidos.

O primeiro padrão encontrado se baseou na observação de que os participantes assumiam em suas falas posturas despreocupadas sobre a precariedade do trabalho, aceitando-a como uma realidade adquirida e imposta, sem uma aparente resistência. O silenciamento perante a precarização do trabalho, o qual era a realidade de muitos dos entrevistados, evidenciou a despolitização e desmobilização do coletivo, de modo que problemáticas sociais eram enquadradas em um nível individual, tal como fomentado pela agenda neoliberal. O principal exemplo disso foram as críticas feitas pelos participantes sobre sindicatos, que eram vistos de forma duvidosa e com baixa credibilidade.

Definiu-se a relativização dos direitos sociais e trabalhistas como um padrão, uma vez que muitas falas expressavam uma certa resignação às deficiências de uma legislação mais protetiva. Essa proteção era facilmente negociada pelo ‘bem maior’ da economia, de modo que as leis poderiam enrijecer o mercado. A ideia de que a economia precisa sempre prosperar prevaleceu frente a outros fatores, como o direito a férias e uma maior seguridade social. No entanto, quando questionados mais a fundo sobre o tema, os participantes pareceram contrários a essa exacerbação do lucro. Isso foi interpretado como uma sedimentação do discurso neoliberal, de forma que as respostas compatíveis aos preceitos neoliberais pareciam reações automáticas à indagação. Porém, conforme a conversa seguia, as respostas iam se tornando inconsistentes e mais críticas em relação ao primeiro posicionamento.

A negociação positiva mesmo diante de situações desfavoráveis ou precárias levou à definição do terceiro padrão, o apoio às resistências sem uma ação concreta. Isso porque as problemáticas apresentadas aos entrevistados eram consideradas como algo longe de suas realidades, ou então que poderiam ser facilmente resolvidas. Havia um reconhecimento de certas situações precárias e até mesmo empatia com determinadas ações de resistência, mas, por serem enxergadas como distante da sua vivência, o apoio concreto, ou uma possível forma de resistir, pareceram se manter apenas no discurso.

Uma possibilidade de resistência presente em muitas falas foi a aparente confiança depositada no Poder Judiciário para proteger o trabalhador e corrigir injustiças. No entanto, ao final, não se considerou essa uma forma de resistência, pois os participantes indicavam o judiciário por parecer a única opção viável e existente; e porque a confiança no Estado para resolver

problemáticas sociais foi muito contestada, de modo que o setor público era associado a uma ineficiência, enquanto o setor privado a uma eficiência. Por isso, nesse quesito, observou-se que possíveis discursos de resistências perdiam intensidade na circulação por causa de um processo de negação, ou até mesmo de alienação dos trabalhadores sobre as condições das atividades laborais na sociedade. Paralelamente, indica-se que o discurso circulado de maior intensidade é o de sentir-se livre, do sujeito empreendedor que supera adversidades e aceita riscos.

Como já apontado nos padrões anteriores, considerou-se a alienação sobre a posição que ocupa na sociedade um efeito de poder, porque a postura de distanciamento dos problemas existentes, ou a atitude positiva frente a eles, tornavam as falas dos participantes vazias de lutas sociais. Por isso, o padrão de desarticulação entre as temáticas foi visto como diretamente vinculado ao efeito da alienação. Essa argumentação ganhou ênfase frente ao baixo engajamento de debates sobre as possíveis condicionantes, como origem, classe social ou gênero, interferirem nas trajetórias profissionais. Logo, refletir sobre esses padrões possibilitou entender como os participantes negociam as exclusões no mercado de trabalho.

Seguindo para o bloco 2, que se baseia mais na discussão sobre subjetividade empreendedora e poder inteligente, o primeiro padrão encontrado foi que o trabalho está mais associado ao propósito, do que ao dinheiro, colocando luz sobre uma questão central para o funcionamento do neoliberalismo. Aqui, observou-se que o trabalho era percebido pelos participantes como um fim, uma forma de autorrealização, ao invés de um meio para usufruir de outros componentes da vida.

As principais problemáticas que envolvem esse efeito são que: (a) o sujeito neoliberal não entenderá a dedicação ao trabalho como uma exploração, ou algo ruim, mas sim uma forma de se sentir realizado; (b) se entregar ao máximo ao trabalho pode ser algo tão naturalizado que mascara sua verdadeira necessidade: manter-se competitivo em um cenário precarizado. O sujeito se torna dependente do trabalho para se sentir pleno, o que o faz se entregar e se dedicar ainda mais, mesmo que isso signifique colocar em segundo plano sua saúde ou seus momentos de lazer; e pode ser que ele faça isso sem se sentir explorado. Portanto, interpreta-se esse efeito como a concretização da ideologia neoliberal em nível pessoal, que, além de tudo, escancara as desigualdades sociais por limitar um trabalho com propósito apenas para uma parcela da população, geralmente pertencente a classes sociais mais favorecidas.

Usufruir determinados 'benefícios' apresentados pelo neoliberalismo se mostrou diretamente condicionado à classe social, ao gênero e à cor. A autorrealização, como visto agora, é somente um deles. O 'direito' a se desconectar também se enquadra aqui, visto que mesmo sem uma obrigação, ou proibição formal sobre usar, ou não, a internet fora do horário de trabalho, há uma coerção velada. A desconexão só é 'permitida' dependendo do cargo que se ocupa, da segurança no emprego, e o quanto se depende do salário para sobreviver. Mulheres e negros, por exemplo, podem ter mais dificuldades em colocar certos limites em um mercado de trabalho onde precisam provar seus valores. E são em situações como essas que a flexibilização da CLT pela reforma trabalhista de 2017 se mostra classista ao ignorar as relações de poder entre empregado e empregador e legalizar, por exemplo, a noção de que acordos podem surgir por iniciativa do funcionário. Ou seja, quais empregados se encontram em condições de propor um acordo? Quais empregados realmente estão em condições de usufruir o direito ao descanso e/ou à se desconectar?

O próximo padrão sobre a naturalização de sentimentos como insegurança, autocobrança e ansiedade no trabalho permeia o entendimento de que o sofrimento é resultado de uma construção cultural. Em algumas falas, os participantes pareceram resignados à percepção de que em algum momento da sua trajetória profissional haverá consequências psicológicas. No entanto, isso não era percebido necessariamente como algo ruim, mas sim uma resposta esperada por causa do esforço e dedicação, como se fosse a aprovação de um teste por aqueles que passaram e superaram situações de insegurança, autocobrança e ansiedade. No entanto, sobre esse tema, foi observado também o início de uma possível resistência ao discurso vigente ao se perceber uma priorização da saúde mental por parte de alguns dos entrevistados que, após se depararem com implicações psicológicas, buscaram mudar de atitudes.

Outro debate feito a partir desse padrão é a linha tênue que diferencia um trabalho valorizado daquele que leva o sujeito a se autoexplorar intensamente. Essa divisão foi percebida nas respostas obtidas na pergunta feita sobre o que os entrevistados achavam da representação midiática do trabalho, com alguns acreditando existir uma romantização e com outros dizendo faltar conteúdos positivos sobre o tema. Uma explicação proposta para as distinções nas opiniões é a de que crenças e percepções sobre sucesso, autoajuda, autoconfiança e autossuficiência podem ser interpretadas diferentemente com base nos fatores condicionantes de classe, gênero e cor. Enquanto alguns podem considerar utópicos discursos sobre autoconfiança no trabalho, outros podem considerar inspirador.

---

Dando continuidade para o bloco 3, onde o foco foi refletir sobre discursos organizacionais e identidade, três efeitos de poder foram delimitados. O padrão que reconheceu o enaltecimento da atuação do setor privado junto do Estado como uma terceira e melhor via para solucionar problemas sociais, é permeado pela noção neoliberal de diminuir a atuação estatal para viabilizar o livre mercado. Sem entrar no mérito sobre ser ou não uma alternativa viável, o enfoque dado nesta discussão é sobre a confiança depositada nas empresas para resolver questões sociais. Ainda que aparentemente isso se mostre algo positivo, algumas problemáticas foram destacadas. Primeiramente, parece preocupante perceber o espaço ocupado no imaginário social sobre as corporações, as quais cada vez mais se legitimam e fortalecem sua posição de dominação ao exercerem atividades originalmente inerentes à responsabilidade do Estado. Em segundo lugar, a descrença dos participantes com o setor público, que já havia sido manifestada anteriormente na discussão sobre as leis. E, por último, a utilização do apelo subjetivo como estratégia capitalista, correndo-se o risco de esvaziar lutas coletivas ao nível empresarial.

Esse movimento pode ser extremamente complicado, porque permeia uma visão liberal amplamente considerada pelo senso comum, que pressupõe a neutralidade do capitalismo. Sustenta-se esse raciocínio pela falta de questionamentos sobre as atitudes das empresas em favorecer seus funcionários, como se elas fossem isentas de interesses capitalistas, e porque elas são consideradas mais confiáveis do que o setor público para garantir certos benefícios ao trabalhador; benefícios esses que poderiam ser vistos como uma pauta pública de garantias básicas, mas que, ao contrário, são entendidos como uma postura admirável da empresa.

O efeito de poder que evidencia a aceitação de discursos organizacionais motivacionais para aumentar a produtividade discute, principalmente, sobre a valorização exacerbada da produtividade. Isso porque se observou nas falas dos participantes que mesmo reconhecendo certos discursos como formas de manipulação e sedução, o seu fim (aumentar a produtividade) justificava os meios. Esse é um debate que recai sobre a discussão de qual é o limite em prol do rendimento. Alguns entrevistados, no entanto, expressaram insatisfação com essa ‘cultura da produtividade’, mas ao mesmo tempo se sentiam presos a essa dinâmica com receio de ‘ficarem para trás’ no mercado de trabalho, o que pode ser uma fonte de estresse e ansiedade.

Adiciona-se a isso, a positividade em excesso foi trazida como uma reclamação pelos entrevistados, o que também pode ser interpretado como um indício de resistência já que a positividade sem limite pode tornar os sujeitos mais conformados e menos críticos. Isso porque,

ao questionar essa positividade, possivelmente percepções mais concisas serão construídas. Ademais, cabe apontar que o debate sobre a aceitação dos discursos organizacionais para fins motivacionais reforça o discurso como uma forma de fazer estratégia, assim como a dominação exercida pelas organizações por intermédio das práticas e valores disseminados por elas.

A reverberação dessas ideias também podem ser observadas em outros discursos que aparentam favorecer o trabalhador, mas no fim, podem ser armadilhas. A discussão sobre diminuir a semana de trabalho para 4x, por exemplo, vem atrelada ao discursos de que os funcionários possam ser produtivos com essa dinâmica, e não como uma maneira de proporcionar a eles mais qualidade de vida. Ainda nesse caso, trabalhar oficialmente menos dias pode levar o empregado a utilizar o seu dia de 'folga' para adiantar suas tarefas, ou então fazer algum curso para subir na carreira. Isso porque, a noção de que fazer algo além daquilo que se foi contrato pra exercer, é uma realidade adquirida para muitas pessoas, principalmente em um mercado de trabalho altamente competitivo e inseguro. Soma-se a isso a discussão sobre os direitos do trabalhador. Isto é, ao diminuir a jornada, seu salário e benefícios se mantêm os mesmos? Ou seja, o que significa exatamente esse tempo livre aparentemente conquistado? Como ele será utilizado? Esses são questionamentos que precisam acompanhar essas pautas, porque caso contrário elas podem representar mais armadilhas, especialmente em uma sociedade onde a produtividade e a positividade são extremamente valorizadas.

Por fim, o último efeito de poder verificado foi o entendimento de que vida pessoal e vida profissional são inseparáveis de forma a possivelmente moldar suas identidades. É um padrão que evidencia as ramificações psicológicas do neoliberalismo e o alcance máximo do efeito aqui debatido: a influência na construção das identidades através de discursos organizacionais. Uma identidade centrada no trabalho, intensamente individualizada e distante do coletivo, que naturaliza situações psicologicamente estressantes, que busca por produtividade a qualquer custo, que confia mais no setor privado do que no público, e delimita seu *status* e possibilidades por aquilo que 'faz para viver'.

Além disso, tendo em vista responder o objetivo específico sobre verificar resistências ao discurso organizacional, destacou-se a seguir algumas possíveis falas e negociações que podem ser compreendidas, ou que podem vir a ser, efeitos diferentes daqueles em circulação. De maneira semelhante, buscou-se também enfatizar algumas características do discurso em circulação que podem inibir o desenvolvimento de resistências, uma vez que a cristalização da ideologia

---

neoliberal dissemina, por si só, diversos valores que inviabilizam o surgimento de falas e práticas fora do fluxo de circulação.

O primeiro impeditivo observado é o silenciamento, que direciona problemas coletivos para o nível pessoal, que pode ser entendido como uma forma de despolitização e desmobilização causada pelos pressupostos neoliberais ao alterarem profundamente a forma de ser dos trabalhadores. Sem dúvida, o reforço à individualização e o enfraquecimento de atividades associativas são maneiras de bloquear o desenvolvimento de resistências. De forma parecida, impeditivos adicionais identificados similares ao efeito do silenciamento foram (a) o distanciamento dos participantes sobre situações precárias, mesmo reconhecendo que elas existam na sociedade; e/ou (b) o não reconhecimento espontâneo dos impactos da classe social, gênero e cor no trabalho.

Outros valores adquiridos como realidade que pertencem a esse bloqueio são as noções de que (a) a economia sempre deve se desenvolver, sem que haja questionamentos do real significado disso; (b) que quanto mais produtivo se é, melhor; e (c) que situações complexas são ‘só mais um desafio a ser superado’, ideia permeada pela positividade em excesso. Essas percepções foram entendidas como arraigadas no inconsciente coletivo, uma vez que reflexões sobre o limite para tais posturas não foram consideradas inicialmente nas respostas dos participantes. Qualidade de vida, lazer, saúde (física e mental) eram fatores minimizados frente a tais valores neoliberais.

O próximo fato destacado que desestimula a ocorrência de resistências é a descrença no Estado. Sem acreditar em medidas efetivas e justas pelo setor público, muitos entrevistados acabaram depositando mais confiança no setor privado, não porque gostariam, mas porque parecia ser a solução mais viável. Esse deslocamento da noção de responsabilidades entre setores, se adotado sem criticidade, pode fazer parte da ideologia neoliberal que reforça a dominação das empresas na sociedade.

Também foi considerada uma condicionante para a ocorrência de resistências a necessidade de se sobressair e se destacar em um mercado de trabalho intensamente competitivo e precário, ao mesmo tempo em que a realização profissional é vista como uma forma de autorrealização. Isso porque, mesmo conscientes de possíveis discursos organizacionais que seduzem ou manipulam, os entrevistados se viam presos em um contexto em que é necessário se dedicar e se entregar para o trabalho para se manter competitivo no mercado, aproximando-se de uma lógica de funcionamento empresarial.

No entanto, essa dinâmica também levou à observação de uma possível forma de resistência concreta, que permeia o debate sobre a saúde mental. Ainda que vivenciar no trabalho situações psicologicamente estressantes seja uma realidade naturalizada, observou-se uma forte tendência de mudança de comportamento em prol da saúde mental, principalmente entre aqueles que já vivenciaram momentos de ansiedade, depressão ou *burnout*. A autocobrança e a autoexploração de maneira apaixonada pareceram relativizadas quando apresentadas no viés da saúde emocional e psicológica, de modo que, mesmo diante de diversas dificuldades para colocar em prática alguns limites, uma parcela dos entrevistados se mostrou consciente dessa armadilha neoliberal.

Diante disso e das insatisfações demonstradas sobre discursos de produtividade e positividade, afirma-se que uma possível forma de resistência aos discursos circulados está diretamente associada justamente à dimensão da atuação psicológica do neoliberalismo. Isto é, efeitos distintos podem surgir a partir do debate sobre as consequências neoliberais na saúde física e emocional dos trabalhadores. Ainda que isso possa ser desafiador por requerer a desconstrução das identidades construídas a partir dos efeitos que estão atualmente circulando, é importante salientar que pela característica não determinista do poder adotada nesta pesquisa, acredita-se que a resistência sempre será uma possibilidade que circunscreve ao campo social.

Já a discussão sobre o segundo objetivo específico, que propõe lançar novos olhares e indicar interfaces sobre os conceitos de neoliberalismo, relações de trabalho e discurso organizacional, reforça-se que a discussão sobre tais temáticas deve permear debates sobre a construção das identidades dos sujeitos. Esse argumento parte do entendimento de que as abordagens sobre trabalho e as maneiras que ele é negociado e vivenciado conferem uma perspectiva fundamental sobre as identidades, pois o exercício laboral não se limita à atividade em si, mas engloba as diversas práticas e relações estabelecidas pelo sujeito na sociedade.

A abrangência dos discursos organizacionais inseridos no contexto neoliberal não se restringe ao ambiente corporativo, mas abarca diversos outros fenômenos coletivos, inclusive experiências afetivas e posicionamentos políticos. Um exemplo disso, de acordo com as respostas analisadas, é a forma que se vivencia os momentos de lazer, o qual muitas vezes está atrelado ao crescimento profissional, ao invés de um momento de ócio genuíno; ou então está impregnado por uma noção de produtividade (“vou ver ‘x’ filmes neste final de semana”, “quero aproveitar o feriado para render o máximo possível” etc). Além disso, dado que as relações de trabalho são

diretamente moldadas de acordo com o sistema econômico vigente, abordar tais temáticas separadamente pode criar uma interpretação escassa, principalmente no viés dos efeitos de poder.

Por isso, pautando-se nos 10 efeitos de poder encontrados, afirma-se que a comunicação organizacional exerce influência direta na incorporação e adaptação do neoliberalismo na sociedade, principalmente ao balizar as formas de negociar e vivenciar as relações de trabalho e, portanto, na própria constituição dos sujeitos. Com o propósito de fazer uma análise crítica sobre a comunicação organizacional, evidencia-se o papel social desempenhado pelas organizações e sinaliza-se a urgência em admiti-las como entidades que atuam além do campo econômico. Em última instância, isso leva ao debate sobre as responsabilidades que as organizações deveriam ter (e deveriam ser cobradas) em suas práticas discursivas e posicionamentos.

Enquanto a sociedade não assumir essa perspectiva das organizações, elas continuarão se consolidando como autoridades em assuntos políticos e sociais, e serão assimiladas como neutras frente aos interesses capitalistas envolvidos. E, quanto mais essa dinâmica se fortalece, menores as chances de haver resistências. Isso porque as cobranças para atitudes responsáveis perpassam por exigências dos consumidores e do poder público, os quais estão cada vez mais enredados pela subjetividade neoliberal. A dificuldade talvez em criticar a atuação social das organizações se deve pela linha tênue que divide tal performance como motivo de celebração, ao trazer mudanças concretas para algumas comunidades, ou dar visibilidade para debates públicos; e uma maneira de explorar em nível subjetivo e afetuoso o 'eu' em prol do capitalismo.

A exploração do 'eu' é problemática, pois se dá através de uma alienação da exploração e, ao não se sentir explorado, dificilmente discursos alternativos ao que estão em circulação ganharão ênfase. Possivelmente, serão considerados exagerados, ou utópicos. A naturalização da subjetividade empreendedora reflete, inclusive, nas pesquisas científicas sobre organizações e/ou comunicação organizacional. Uma evidência disso é a realização de pesquisas que buscam descobrir, ou esclarecer como as organizações podem melhorar sua eficiência, se manter competitiva, ou engajar ainda mais seus funcionários.

Ao indicar isso, a intenção não é desqualificar esses estudos, até porque eles são coerentes e correspondem ao contexto em que estão inseridos; e também porque é difícil se isolar totalmente das demandas sociais. Enquanto pesquisadora, esse é um dilema constante. Não por outro motivo, a discussão dessa tese foi desafiadora tanto em nível pessoal quanto profissional à medida que reconhecia-se a reprodução da subjetividade neoliberal, e percebia-se um impulso em justificar,

ou aceitar, as práticas discursivas neoliberais. Trazer esse apontamento tem em vista mostrar o quanto a lógica neoliberal está inserida na sociedade, de forma que até mesmo resistir a ela é desafiador, especialmente enquanto trabalhador. É nesse sentido que se acredita que o cerne da contribuição desta pesquisa está em demonstrar como a circulação do poder simbólico das organizações está acontecendo, para que se busque possíveis soluções, ou ao menos alertem para a existência desse movimento.

Não se trata aqui de colocar as organizações como inimigas, ou vilãs; até porque elas constituem a realidade social e ocupam um espaço extremamente relevante no imaginário coletivo. Mas, é justamente reconhecendo isso que se faz necessário discutir sobre suas atuações para além da perspectiva econômica, porque só assim debates, conscientização, soluções, mudanças, serão encontradas e viabilizadas. Partindo de um olhar histórico, observa-se que esse papel exercido pelas organizações é inédito e ainda está em construção, visto que a própria noção atual do trabalho é uma criação da modernidade. Reconhecer isso talvez seja o primeiro passo para notar o quanto certas dinâmicas não são naturais, como se leva a acreditar.

É claro que mudanças são inevitáveis e que esse lugar assumido pelas organizações talvez não pudesse ser impedido. Porém, já que está acontecendo, quais revisões precisam ser feitas? Acredita-se que revisões são necessárias, visto que a sociedade está permeada por situações que escancaram as problemáticas que advém dessa configuração: miséria, desigualdade social, exploração dos vulneráveis, trabalho escravo, precarização do trabalho, doenças psicológicas relacionadas ao trabalho, entre outros. Aliás, o próprio fato de ainda existir atividades análogas à escravidão já é justificativa mais do que suficiente para a urgência dessa revisão. Em última instância, essas problemáticas estão ocorrendo sob o argumento do crescimento/desenvolvimento da economia, mas o que de fato isso significa? Porque esse crescimento não é questionado? Porque a economia precisa melhorar constantemente? A que custo isso deve acontecer? Se o crescimento da economia implica em piorar a qualidade de vida das pessoas, qual o sentido?

Frente a todo esse cenário, defende-se que ao se colocar luz sobre a compreensão das práticas discursivas que incidem sobre as relações de trabalho, assim como a maneira pela qual os sujeitos, situados no espaço situacional do trabalho, reproduzem (ou não) o discurso que permeia as organizações, é essencial para se pensar em formas de enfrentamento e/ou outras possibilidades. Com a descoberta dos padrões sobre (1) conformismo e isenção de críticas sociais sobre a realidade do trabalho, (2) inconsistências e relativização dos direitos, (3) ausência de ações concretas de

resistência, (4) ausência de articulação entre temáticas sociais, (5) alienação sobre a posição que ocupa na sociedade, tem-se que formas de enfrentamento permeiam o alerta sobre as consequências desses comportamentos (o que, em certa medida, essa pesquisa busca fazer), seja via educação, políticas públicas, pela conscientização de líderes organizacionais, ou pela ciência.

Nesse sentido, é fundamental romper com práticas discursivas que fortalecem o entendimento de que o dinheiro é uma consequência de um trabalho ‘feito com amor/realizado bem feito’. A autorrealização é importante tanto quanto uma remuneração e salário justos que permitam uma vida digna. Essa autorrealização precisa ser associada também ao equilíbrio entre as demais esferas que circundam os indivíduos. Da mesma forma, entender que situações psicologicamente estressantes no trabalho são resultados de uma política neoliberal e, portanto, não naturais à atividade laboral, é também uma maneira de resistência. E, conforme observado anteriormente, a conscientização sobre essa dinâmica talvez seja atualmente a via mais propensa a gerar discursos transversais aos que estão em circulação. Ainda que motivo de esperança, isso também é um indício do colapso do sistema, que para criar resistências precisou afetar a saúde humana; e escancara os privilégios, visto que o discurso sobre saúde emocional ainda está restrito para classes mais favorecidas. A partir disso, o próximo padrão poderá ser ressignificado, de modo a equilibrar produtividade com qualidade de vida e, associar produtividade com remuneração justa, ao invés de uma forma de gerar bem-estar/ autorrealização.

Resgatar a confiança no Estado e delimitar as responsabilidades inerentes ao setor público e privado também parece ser um caminho. A parceria entre ambos pode sim ser uma terceira via sustentável, mas ela não deve acontecer por parecer a única solução possível. Defende-se que Estado e empresas estejam em par de igualdade (no imaginário coletivo) para que o impacto social do setor privado não reforce discursos neoliberais. Por fim, com todas essas possíveis formas de enfrentamento, abre-se caminhos para que o último efeito possa ser renegociado. Porém, não uma renegociação no sentido de separar rigidamente vida pessoal da profissional, o que parece ser inviável na sociedade contemporânea, mas no sentido de delimitar as esferas em que determinados sentimentos, emoções e realizações, pertencem, sem que haja a exploração do 'eu' em benefício do capital. Talvez assim, outras formas de negociar e vivenciar o trabalho e suas relações sejam viabilizadas e, conseqüentemente, pautas de resistência ganhem espaço na sociedade para, possivelmente, e esperançosamente, gerar mudanças e formas mais dignas de se viver.

Com essas discussões, é imprescindível pensar que a comunicação organizacional e suas práticas discursivas impactam na forma que os trabalhadores neoliberais vivenciam a atividade laboral e as relações estabelecidas em torno dela, de maneira a afetar a construção da realidade social e direcionar estilos de vida. Os 10 efeitos de poder encontrados sinalizam as práticas que mantem determinados discursos em circulação, ao mesmo tempo que indicam quais estão sendo excluídos. E, devido ao papel central ocupado pelas organizações na sociedade, suas estratégias via discursos que buscam gerar identificação com o público, e suas maiores possibilidades de atuação por meio da mídia, reconhece-se que esses discursos em circulação estão diretamente envolvidos e vinculados às práticas discursivas organizacionais, as quais reforçam a posição de autoridade e referência das organizações, de modo a alimentar esse ciclo vicioso. Além disso, sustenta-se que essa dinâmica ganha espaço por causa do viés psicológico e psíquico do neoliberalismo, que mediante a esse processo, continua circulando.

**Por isso, a partir da investigação teórica e empírica feita com base na hipótese levantada, e considerando os 10 padrões encontrados nos dados relativos às formas como os entrevistados falaram e negociaram relações de trabalho no contexto neoliberal, defende-se a tese de que os discursos organizacionais produzem efeitos de poder nas relações de trabalho e nas identidades dos trabalhadores de forma a manter o sistema neoliberal em circulação.**

Ao colocar luz sobre como essa dinâmica está circulando, acredita-se que esta investigação contribui de forma inédita ao: (a) identificar as práticas que estão sendo intensificadas pelo discurso organizacional; (b) examinar os efeitos de poder da comunicação organizacional a partir de significados negociados localmente; e (c) indicar padrões sobre as maneiras pelas quais os trabalhadores articulam e vivenciam o discurso organizacional. Com isso, possibilita-se: (a) encontrar formas de enfrentamentos, especialmente através da investigação dos possíveis inibidores de resistência identificados; e (b) indicar que as interfaces entre neoliberalismo, relações de trabalho e comunicação organizacional envolvem debates sobre identidade, responsabilidade organizacional, credibilidade do setor público, e a urgência em se enxergar o fazer organizacional para além do econômico e o trabalho enquanto um fazer relacional.

Diante disso, no cerne desta tese e após as reflexões, responde-se de forma sucinta a questão norteadora por meio dos dez efeitos de poder do discurso organizacional aqui identificados, que refletem as maneiras pelas quais os trabalhadores negociam e vivenciam suas relações de trabalho, de modo a impactar na construção de suas identidades. No entanto, como o poder não é algo rígido,

possíveis resistências a partir do viés psicológico pareceram viabilizar o surgimento de efeitos distintos aos circulados. Por isso, sugere-se que os estudos sobre neoliberalismo, relações de trabalho e discurso organizacional devam considerar o debate sobre as identidades do trabalhador, uma vez que diante das possíveis identidades construídas, coloca-se luz sobre as formas que o poder é negociado e experimentado, seja intensificando determinadas práticas e modo de ser, ou enfraquecendo outras, de modo a possibilitar também o estudo sobre possíveis resistências.

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. Affective economies. *Social text*, v. 22, n. 2, p. 117-139, 2004.

ANDERSSON, R. Being a ‘strategist’: Communication practitioners, strategic work, and power effects of the strategy discourse. *Public Relations Inquiry*, 9(3), 257-276, 2020.

ANDRELO, Roseane; CARARETO, Mariana; CALONEGO, Renata. A responsabilidade das organizações diante do impacto social de sua comunicação no ambiente virtual. *Revista Organicom*, São Paulo, v.14, n.26, p.214-227, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139369/134710>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

ANDRELO, Roseane; CALONEGO, Renata; CARARETO, Mariana. O posicionamento comunicacional de empresas alimentícias diante dos novos hábitos alimentares de seus consumidores. In: *Anais XII do Congresso Abrapcorp*, v. 01, p.623-636, 16 a 18 de maio de 2018. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, 2018. Disponível em: <[http://portal.abrapcorp.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Anais\\_Abrapcorp\\_2018\\_GPs\\_ISBN.pdf](http://portal.abrapcorp.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Anais_Abrapcorp_2018_GPs_ISBN.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2022.

ANDRELO, Roseane; CARARETO, Mariana; CALONEGO, Renata. Reflexões sobre o discurso das publicidades de organizações privadas diante do cenário político brasileiro. *Media & Jornalismo*, v.19, n.34, p.295-312, 2019. Disponível em: <[https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_34\\_20](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_34_20)>. Acesso em 13 fev. 2022.

ANTUNES, Ricardo. As configurações do trabalho na sociedade capitalista. *Revista Katálisis*, v. 12, n. 2, p. 131-132, 2009.

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital*. Boitempo editorial, 2018.

ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. Boitempo Editorial, 2020.

ARAÚJO, José Newton Garcia de. Neoliberalismo e horizontes da precarização do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 23, n. 1, p. 79-93, 2020.

BABBIE, Earl R.; BENAQUISTO, Lucia. *Fundamentals of social research*. Cengage Learning, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*. São Leopoldo, RS. Vol. 10, n. 3 (set./dez. 2008), p. 193-200, 2008.

BALDISSERA, R. y STOCKER, P. (2015). Comunicação organizacional e ethos discursivo: estratégias para falar de si nos anúncios dos bancos. En Marques, A. C. S. y Oliveira, I. L.. *Comunicação Organizacional: dimensões epistemológicas e discursivas* (146-162). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O capital e suas metamorfoses*. São Paulo. Ed.: Unesp, 2013.

Bennett, T., Savage, M., Bortolaia Silva, E., Warde, A., Gayo-Cal, M., & Wright, D. *Culture, class, distinction*. Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BILLIG, Michael. *Freudian repression: Conversation creating the unconscious*. Cambridge University Press, 1999.

BJØRKENG, Kjersti; CLEGG, Stewart; PITSIS, Tyrone. Becoming (a) practice. *Management learning*, v. 40, n. 2, p. 145-159, 2009.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006b.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediação & midiatização*. Salvador: EDUFBA/ Brasília: Compós, 2012, p.31-52.

BRAGA, José Luiz. Matrizes interacionais. In: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO Leon et al. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade*. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p.15-84.

BRITTO, D. F. *Trabalho e cultura organizacional no discurso da mídia: uma análise da revista Você S/A*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos: UFSCAR, 217p., 2014.

BUTLER, Judith et al. *Precarious life: The powers of mourning and violence*. verso, 2004.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Autêntica, 2017.

CABRAL, R.; GONÇALVES, G.; SALHANI, J. Violência organizacional: reflexões a partir da perspectiva dos estudos para a paz. *ORGANICOM*, São Paulo, n. 28, p. 247- 264, 2018.

CALVET, O. A. *A eficácia horizontal imediata do Direito Social ao lazer nas relações privadas de trabalho*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC, 176 p., 2005.

CAMPANA, Priscila. O impacto do neoliberalismo no direito do trabalho: desregulamentação e retrocesso histórico. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília/DF, v. 37, n. 147, 2000.

CARARETO, Mariana; ANDRELO, Roseane. As respostas geradas pelo discurso da Samarco e os desafios organizacionais na sociedade conectada. *Revista latinoamericana de ciencias de la comunicaci3n*, São Paulo, v.16, n.30, p.287-299, 2019. Disponível em:

<<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/viewFile/1423/615>>. Acesso em 19 mar. 2020.

CARARETO, Mariana; ANDRELO, Roseane; RUÃO, Teresa. O impacto da comunicação organizacional na sociedade: reflexões iniciais a partir da percepção de gestores em agências de comunicação. In: *Anais XIV do Congresso Abrapcorp*, p.01-12, 21 de setembro a 2 de outubro de 2020. Bauru, SP: Unesp, 2020. Disponível em: <[http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/\(cod2\\_23209\)Artigo\\_Abrapcorp\\_2020\\_\\_Mariana\\_Carareto.pdf](http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/(cod2_23209)Artigo_Abrapcorp_2020__Mariana_Carareto.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CARARETO, M.; CALONEGO, R.; ANDRELO, R. . Novas estratégias comunicacionais diante da pandemia de Covid-19: reflexões sobre o papel público da comunicação organizacional / New communication strategies in the face of the Covid-19 pandemic: reflections on the public role of organizational communication. *Revista Internacional de Relaciones Publicas*, v. XI, p. 227-246, 2021.

CARARETO, Mariana; ANDRELO, Roseane; RUÃO, Teresa. How can organizational communication impact society? Reflections from the communication practice in Portuguese communication agencies/¿ Cómo la comunicación organizacional puede impactar a la sociedad? Reflexiones por la práctica de comunicación en las a. *Revista Internacional de Relaciones Públicas*, v. 12, n. 23, p. 163-184, 2022.

CARARETO, Mariana. *A influência da lógica discursiva das organizações empresariais na construção da sociedade: um olhar dos profissionais brasileiros e portugueses de comunicação diante do contexto em midiatização*. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista: UNESP, 221p., 2022.

CASTELLS, M. *La era de la información - Economía, sociedad y cultura*. Vol. 2. El poder de la identidad. Trad. Carmen Martínez Gimeno. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

COOREN, François; KUHN, Timothy; CORNELISSEN, Joep. P.; CLARK, Timothy. Communication, Organizing and Organization: An Overview and Introduction to the Special Issue. *Organization Studies*, v.32, n. 9, p.1149-1170, 2011. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0170840611410836>>. Acesso em 10 fev. 2022.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo : Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

DEETZ, Stanley. *Democracy in an age of corporate colonization*. Albany: State University of New York Press, 1992.

DEETZ, Stanley. Comunicação Organização: fundamentos e desafios. In: MARCHIORI, Marlene (org.). *Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010, p. 83-102.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 1992.

DERIVA, A L. Precarias. Adrift Through the Circuits of Feminized Precarious Work. *Feminist Review*, 77, 157–161. 2004

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2a edição. São Paulo: Atlas, 2011, p.62-83.

EDLEY, Nigel. Unravelling social constructionism. *Theory & Psychology*, v. 11, n. 3, p. 433-441, 2001.

EDWARDS, Derek; POTTER, Jonathan. *Discursive psychology*. Sage Publications, Inc, 1992.

EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russell (Ed.). *Donne globali*. Tate, colf e badanti. Feltrinelli Editore, 2004.

EHRENREICH, Barbara, *Smile or Die: How Positive Thinking Fooled America and the World*. New York & London, Granta, 2010.

EZZAMEL, M.; WILLMOTT, H. Strategy as discourse in a global retailer: A supplement to rationalist and interpretive accounts. *Organization Studies*, 29, 2, 191- 217, 2008.

FIGARO, Roseli. *Relações de comunicação no mundo do trabalho*. Annablume Editora, 2008

FOUCAULT, M. *The Archaeology of Knowledge*. New York: Harper and Row. 1972.

\_\_\_\_\_. ‘What is an author?’, in Bouchard, D.F. (Ed.) *Language, Countermemory, Practice: Selected Essays and Interviews*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press. 1977.

\_\_\_\_\_. *The History of Sexuality, Volume 1: An Introduction*. Harmondsworth: Penguin. 1978.

\_\_\_\_\_. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Harmondsworth: Penguin. 1979.

\_\_\_\_\_. *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977*, Gordon, C. (Ed.). Brighton: Harvester Press. 1980.

\_\_\_\_\_. ‘The order of discourse’, in Young, R. (Ed.) *Untying the Text: A Poststructural Anthology*. London: Routledge (pp 48-78). 1981.

\_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

FREITAS, Maria Ester de. *Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma?* 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GANE N. *The emergence of neoliberalism: Thinking through and beyond Michel Foucault’s lectures on biopolitics*. *Theory, Culture & Society* 31(4): 3–27. 2014a.

\_\_\_\_\_. *Thinking historically about neoliberalism: A response to William Davies*. *Theory, Culture & Society* 31(7/8): 303–307. 2014b.

GENRO, Tarso. *O neoliberalismo e o cidadão-mercadoria*. *Direito em Revista*. [s.l. : s.n.], n. 5, abr./ago. 1995.

\_\_\_\_\_. *Vinte teses em defesa de uma teoria democrática do Estado*. Folha de São Paulo. São Paulo : 20/4/1997.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GILL, R.; KANAI, A. *Mediating neoliberal capitalism: Affect, subjectivity, and inequality*. *Journal of Communication*, 68(2), pp. 318-326. doi: 10.1093/joc/jqy002. 2018.

GILL, Rosalind; PRATT, Andy. In the social factory? Immaterial labour, precariousness and cultural work. *Theory, culture & society*, v. 25, n. 7-8, p. 1-30, 2008.

GOLSORKHI, D., ROULEAU, L, SEIDLE, D. and VAARA, E. (2010) ‘Introduction: What is strategy as practice?’, in Golsorkhi, D., Rouleau, L, Seidle, D. and Vaara, E. (Eds.) *Cambridge Handbook of Strategy as Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

HALL, Stuart; GIEBEN, Bram. The West and the rest: Discourse and power. *Race and Racialization, 2E: Essential Readings*, p. 85-95, 1992.

HALL, Stuart. Encoding/decoding. *Media and cultural studies: Keywords*, v. 2, p. 163-173, 2001.

HALL, Stuart. The rediscovery of ‘ideology’; return of the repressed in media studies. In: *Culture, society and the media*. Routledge, 2005. p. 52-86.

HALL, S; MASSEY, D; RUSTIN, M. ‘After neoliberalism: analysing the present’, in S. Hall, D. Massey and M. Rustin, *After neoliberalism: the Kilburn manifesto*, London, Soundings, 2013, pp3-19, p16.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018b.

\_\_\_\_\_. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. Edição ampliada. Petrópolis, RJ; Vozes, 2019.

HARDY, Cynthia; THOMAS, Robyn. "*Strategy, Discourse and Practice: The Intensification of Power*," *Journal of Management Studies*, Wiley Blackwell, vol. 51(2), pages 320-348, March, 2014.

- HARRÉ, Rom; GILLET, Grant. *The discursive mind*. Sage, 1994.
- HARVEY, D. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press. 2005.
- HENRIQUES, Márcio Simeone. Comunicação e poder organizacional. *Boletim*, no 1.976, ano 43. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2017.
- HEPBURN, Alexa; POTTER, Jonathan. Discourse analytic practice. *Qualitative research practice*, p. 180-196, 2004.
- HOLZMANN, L. & PICCININI, V. (2006). *Flexibilização*. In: A. Cattani & L. Holzmann. *Dicionário de trabalho e tecnologia*. (p. 131-133). Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS
- HOOK, Derek. Discourse, knowledge, materiality, history: Foucault and discourse analysis. In: *Foucault, psychology and the analytics of power*. Palgrave Macmillan, London, 2007. p. 100-137.
- IANNI, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- IHLEN, Øyvind; VERHOEVEN, Piet. Organization-society relationship. In: SCOTT, Craig R.; LEWIS, Laurie; BARKER, James R.; KEYTON, Joann; KUHN, Timothy; TURNER, Paaige K. *The International Encyclopedia of Organizational Communication*. John Wiley & Sons, 2017.
- JARZABKOWSKI, Paula; PAUL SPEE, Andreas. Strategy-as-practice: A review and future directions for the field. *International journal of management reviews*, v. 11, n. 1, p. 69-95, 2009.
- KANAI, Akane; GILL, Rosalind. Woke? Affect, neoliberalism, marginalised identities and consumer culture. *New Formations*, v. 102, n. 102, p. 10-27, 2020.
- KORNBERGER, Martin; CLEGG, Stewart. Strategy as performative practice: The case of Sydney 2030. *Strategic organization*, v. 9, n. 2, p. 136-162, 2011.
- KOSCHMANN, Matt. *What is Organizational Communication?* United States: Department of Communication, University of Colorado Boulder, 2012.
- KUNSCH, Maria Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus, 2003.
- LHUILIER, D. L'activité dans et au-delà du monde du travail. In M. A. Dujarier, C. Gaudart, A. Gillet & P. Lénel (Orgs.), *L'activité en theories: regards croisés sur le travail* (pp. 131-158). Toulouse : Octarès. 2016.
- \_\_\_\_\_. *O agir em psicossociologia do trabalho*. *Psicologia em Revista*, 23(1), 295-311, 2017.

LIMA, Fábila. Possíveis contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana Thereza Nogueira (Orgs.). *Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008, p.109-127.

LIMA, Fábila; BASTOS, Fernanda de Oliveira Silva. Reflexões sobre o objeto da comunicação no contexto organizacional. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; LIMA, Fábila. *Propostas conceituais para a comunicação no contexto organizacional*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2012. p.25-48.

LIMA, F. P. y OLIVEIRA, I. DE L. O discurso e a construção de sentido no contexto organizacional midiaticado. En Marchiori, M. (Coords.). *Contexto organizacional midiaticado* (85-97). São Caetano do Sul, SP: Difusão. 2014.

LOREY, Isabell. The 2011 occupy movements: Rancière and the crisis of democracy. *Theory, Culture & Society*, v. 31, n. 7-8, p. 43-65, 2014.

MARTÍNEZ-GUZMÁN, A., STECHER, A., & ÍÑIGUEZ-RUEDA, L. Aportes de la psicología discursiva a la investigación cualitativa en psicología social: análisis de su herencia etnometodológica. *Psicologia USP*, 27(Psicol. USP, 2016 27(3), 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-656420150046>

MARTINO, Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da mediação: exercício conceitual e metodológico de sistematização. *Intexto*, Porto Alegre (RS), n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/77889>>. Acesso em: 08 jan. 2022.

MCCABE, D. ‘Strategy-as-power: Ambiguity, contradiction and the exercise of power in a UK building society’. *Organization*, 17, 2, 151-175, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21aed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p.09-30.

MUMBY, D. K. y Stohl, C. (1996). Disciplining Organizational Communication Studies. *Management Communication Quarterly*, 10 (1), 50-72. <https://doi.org/10.1177/0893318996010001004>

NEALON, J. T. *Foucault beyond Foucault*. Stanford: Stanford University Press. 2008.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida. *O que é comunicação estratégica nas organizações?* 2a edição. São Paulo: Paulus, 2008b.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida de. Desafios da comunicação interna. In.: ESTRELLA, C.; BENEVIDES, R.; FREITAS, RF (orgs.). *Por dentro da comunicação interna: tendências, reflexões e ferramentas*. Curitiba: Champagnat, 2009.

OLIVEIRA, I. De L. y PAULA, M. A.. Interações na contemporaneidade e mudanças paradigmáticas: organização, comunicação e estratégias. *Revista del Foro Iberoamericano sobre Estrategias de Comunicación*, a.V, 14, 31-51, 2010. Disponível em: <[http://www.cienciared.com.ar/ra/usr/9/1016/fisec\\_estrategias\\_n14m1pp31\\_51.pdf](http://www.cienciared.com.ar/ra/usr/9/1016/fisec_estrategias_n14m1pp31_51.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2022.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida; MARCHIORI, Marlene. Um giro na concepção de estratégias comunicacionais: Dimensão relacional. *Revista académica del Foro Iberoamericano sobre Estrategias de Comunicación*, Buenos Aires (Argentina), ano VII, n.17, p.133-153, 2012. Disponível em: <[http://www.cienciared.com.ar/ra/usr/9/1425/fisec\\_estrategiasn17pp133\\_153.pdf](http://www.cienciared.com.ar/ra/usr/9/1425/fisec_estrategiasn17pp133_153.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2022.

PEREIRA, Josecleto Costa de Almeida. *A dialética do sindicalismo brasileiro*. Revista *Álter Ágora*. Florianópolis : [s.n.], n. 3, outubro de 1995.

POTTER J., WETHERELL M. *Discourse and Social Psychology: Beyond Attitudes and Behaviour*. London: SAGE. 1987.

POTTER, J., WIGGINS, S. *Discursive Psychology*. In: *Handbook of qualitative research in psychology*. Sage, pp. 73-90. 2007. ISBN 978-1-85433-204-2

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Traduzido por Ana Cristina Nasser. 3a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PUTNAM, L. L. y Mumby, D. K. (2014). Introduction: Advancing Theory and Research in Organizational Communication. En Putnam, L. L. y Mumby, D. K.. *The SAGE Handbook of Organizational Communication*, 3oed. (pp.1-18). USA: Sage Publication.

REIS, M. C. Mudança organizacional, comunicação, criatividade e inovação. In: MARCHIORI, M. (Org). *Faces da cultura e da comunicação organizacional*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2006. p. 281-301.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUBIN, H. J., & RUBIN, I. *Qualitative interviewing: The art of hearing data*. Thousand Oaks, CA: Sage. 1995.

ROESCH, Sylvia M. A. *Projetos de estágio do curso de administração*. São Paulo: Atlas, 1996.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, L. S.; SILVEIRA, R. A. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organização & Sociedade*, v. 22, n. 72, p. 79-98, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v22n72/1413-585X-osoc-22-72-0079.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.

SCHARFF, C. Disarticulating feminism: Individualization, neoliberalism and the othering of 'Muslim women'. *European Journal of Women's Studies*, 18(2): 119–134, 2011. <https://doi.org/10.1177/1350506810394613>

SCHARFF, C. *Towards a pluralist methodological approach: Combining performativity theory, discursive psychology and theories of affect*. *Qualitative Research in Psychology* 8(2): 210–221, 2011.

SCHARFF, Christina. The psychic life of neoliberalism: Mapping the contours of entrepreneurial subjectivity. *Theory, Culture & Society*, v. 33, n. 6, p. 107-122, 2016. <https://doi.org/10.1177/0263276415590164>

SCHARFF, C. *Gender, Subjectivity, and Cultural Work: The Classical Music Profession* (1st ed.). Routledge. 2017. <https://doi.org/10.4324/9781315673080>

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Trajetórias teórico-conceituais da Comunicação Organizacional. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre (RS), n.31, p. 47-53, 2006. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3392>>. Acesso em 10 jul. 2022.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Mauad Editora Ltda, 2006.  
SÓLIO, Marlene Branca. Comunicação e poder nas organizações. *Em Questão*, v. 14, n. 2, p. 207-222, 2008.

SROUR, Robert Henry. *Poder, cultura e ética nas organizações*. Brasil: Campus, ed. 3, 2012.

TAYLOR, Stephanie; LITTLETON, Karen. *Contemporary identities of creativity and creative work*. Routledge, 2016.

THOMAS, R., SARGENT, L. AND HARDY, C. 'Managing Change: Negotiating Meaning and Power-Resistance Relations'. *Organization Science*, 22, 1, 22-41, 2011.

TROMPENAARS, Fons; HAMPDEN-TURNER, Charles. *Managing people across cultures*. Chichester: Capstone, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa qualitativa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1992.

---

VAARA, E. Taking the linguistic turn seriously: Strategy as a multifaceted and interdiscursive phenomenon. In J. A. C. Baum & J. Lampel (Eds.), *The Globalization of Strategy Research* (Advances in Strategic Management) (pp.29-50). Emerald Group, 2010.

VAN RULER, Betteke; VERCIC, Dejan. Reflective Communication Management: Future Ways for Public Relations Research. In: *Annals of the International Communication Association*, v.29, n.01, p.239-274, 2005. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23808985.2005.11679049>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

VERGARA, Sylvia C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 1998.

VOSCO, L. F. . *Managing the margins: Gender, citizenship, and the international regulation of precarious employment*. Oxford: Oxford University Press. 2009.

WAITE, L. A place and space for a critical geography of precarity? *Geography Compass*, 3(1), 412–433. 2009.

WETHERELL, Margaret. Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and post-structuralism in dialogue. *Discourse & society*, v. 9, n. 3, p. 387-412, 1998.

WHITTLE, Andrea; MUELLER, Frank. Strategy, enrolment and accounting: the politics of strategic ideas. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 2010.

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ZOLLER, Heather M.. Power and Resistance in Organizational Communication. In: PUTNAM, Linda L.; MUMBY, Dennis K.. *The SAGE Handbook of Organizational Communication*. 3o edition. United States of America: Sage Publication, 2014, p.595-618.